

REGISTRAR PRA QUÊ? PRA QUEM?

Rosana de Fátima Lima
Universidade São Francisco – Projeto Observatório de Educação
rosanafatili@gmail.com

Resumo:

Tão importante quanto planejar, o registro pode ser considerado uma ferramenta imprescindível na organização da rotina do professor. Além de auxiliar nessa organização, permite ao docente avaliar e reavaliar suas ações pedagógicas, sendo um facilitador do seu planejamento (rotina semanal) e permitindo também a observação dos avanços e dificuldades das aprendizagens dos alunos. Na presente oficina procurarei mostrar o trabalho realizado no contexto do Projeto Observatório de Educação – OBEDUC, envolvendo uma parceria entre pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco e escolas públicas da região de Itatiba, com o intuito de discutir as práticas de letramento matemático das professoras dos anos iniciais. Considerando este contexto, o registro ganha grande significação tornando-se uma estratégia norteadora das ações em sala, tanto para o professor quanto para o aluno. Procurarei mostrar ao longo da presente oficina essa importância tanto no âmbito dos encontros quinzenais do Projeto como dentro da sala de aula, tornando-se uma relevante ferramenta para aprimorar a pesquisa da nossa própria prática bem como um olhar reflexivo para ela. A oficina, portanto, tem como objetivo desenvolver uma discussão da importância do papel do registro norteador do ensino do professor e as aprendizagens dos alunos. As discussões acontecerão a partir de problematizações e questionamentos propostos que permitirão aos participantes, nesse movimento de troca, ampliar o olhar para além da “simples” descrição dos acontecimentos para um olhar mais consciente e reflexivo à rotina da sala de aula.

Palavras-chave: Prática Pedagógica; Registro do professor; Registro do aluno; Letramento Matemático.

1. INTRODUÇÃO

A presente oficina é resultado do trabalho realizado no contexto do Projeto Observatório de Educação – OBEDUC, que envolve uma parceria entre pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco e escolas públicas da região de Itatiba com o intuito de discutir as práticas de letramento matemático das professoras dos anos iniciais. Tentarei mostrar a importância do registro como uma estratégia norteadora das ações pedagógicas em sala de aula, tanto por parte do professor quanto do aluno, pontos estes discutidos ao longo dos nossos encontros.

Voltando o olhar para os tempos primitivos observamos que o homem sempre utilizou o registro como uma forma de perpetuar suas ideias ao longo do seu percurso. Os registros feitos nas cavernas mostram o modo de vida e as formas de resolução dos problemas que enfrentavam naqueles tempos.

Ao longo do tempo outras formas de registro foram surgindo, mas sempre com o objetivo de deixar uma marca para (re)contar uma história – o processo vivenciado pelos participantes de um dado momento. Assim, diferentes formas de registro foram sendo aprimoradas pelo tempo: os quadros, os diários, as cartas, os desenhos, as fotos, os relatos, as mensagens, as gravações e vídeo gravações, as atuais ferramentas do computador e das redes sociais. Todas deixando suas marcas e perpetuando a história.

Isto também é observado quando direcionamos o olhar para a sala de aula. O registro tanto do professor como do aluno permite contar uma história de um determinado momento que nos possibilita compreender a prática pedagógica, tanto na área da escrita matemática, quanto das outras áreas do conhecimento.

O ato de registrar permite ao professor além de avaliar os alunos, perceber sua própria atuação junto a eles, rememorar episódios, resgatar situações ocorridas em sala, refletir sobre sua prática, registrar experiências, apropriar-se do trabalho realizado, (re)planejar ações que envolvem o processo de ensino e aprendizagem.

Para o aluno, registrar é uma possibilidade de aprender a olhar para o seu desenvolvimento, percebendo sua evolução ao longo do seu percurso. Portanto, o papel do professor é fundamental na construção desta importante ferramenta.

No âmbito do Projeto Observatório de Educação – OBEDUC, o registro transita entre dois caminhos: a retomada dos encontros e o registro da prática do professor participante por meio das narrativas de aula.

A prática do registro dos encontros permite a retomada dos mesmos bem como a reflexão de pontos importantes, além é claro de criar nos professores a prática de escrever, de exercitar algo que ensina às crianças, mas que reluta pôr em prática.

Neste sentido, Zabalza aborda tal aspecto citando Isabel Carillo (2001, apud ZABALZA, 2004, p. 29), que define essa competência que é praticada ao longo dos encontros: “a escrita é, desse modo, um espaço de silêncio para lembrar a mudança e vislumbrar os rastros deixados, mas ao mesmo tempo, nos leva a projetar novos espaços imaginários à luz daquilo que já foi, do que é e do futuro que ainda é incerto porque não é”. O outro âmbito é o da prática do professor por meio das narrativas de aula, entregues mensalmente pelas professoras que atuam em sala de aula. A narrativa é um gênero textual que relata a experiência vivenciada em sala contendo as memórias e reflexões dos saberes aprendidos e produzidos.

Elas nos remetem aos diários de aula que Zabalza (2004, p. 25) utiliza como instrumentos de pesquisa e desenvolvimento profissional, dos quais é possível extrair uma “espécie de radiografia” da nossa docência:

o diário possui como instrumento de descrição:... a possibilidade de reconhecer os dilemas, o registro direto e próximo de eventos e situações que ocorreram em momentos específicos, a contribuição de fatos, mas também de vivências. Por outro lado, a possibilidade de extrair padrões de atuação, de identificar pontos fortes e fracos ... de poder incorporar a nossas aulas os ajustes que são pertinentes.

A oficina tem como objetivo focar o olhar para os registros do professor e do aluno com o intuito de mostrar o quanto tal gênero ajuda a melhorar a prática, reformulando-a e avaliando a atuação do docente e o desempenho do aluno.

2. O REGISTRO PARA O DIRECIONAMENTO DO OLHAR DO PROFESSOR

A vivência em sala de aula me mostrou o quanto o ato de registrar garante ao professor (re)planejar suas ações pedagógicas, e através do registro pude redirecionar minhas ações, (re)avaliar minha prática e visualizar os avanços e dificuldades dos meus alunos.

O registro no meu entendimento é um valioso instrumento utilizado semanalmente no qual escrevo as considerações relevantes em relação às atividades, impressões, observações do cotidiano, falas e comentários significativos dos alunos, as dificuldades e avanços observados durante o percurso. Nele também reporto as minhas angústias em relação às dificuldades em ensinar para aqueles que nem sempre estão motivados a aprender naquele momento. Serve também para relatar as ausências dos alunos e seus motivos, bem como os encaminhamentos a especialistas. Esse processo intensificou-se, focando o meu olhar para as produções do campo da matemática a partir do OBEDUC.

A meu ver, **o registro não é algo simples e nem tão fácil**, mas a partir do momento em que se transforma em um hábito, torna-se impossível não registrar as considerações relevantes da semana. Segue abaixo fragmentos de registros.

Fragmento 1: AVALIAÇÃO DA SEMANA – 02/05 A 06/05:

A semana de acordo com o que foi observado na anterior, acabou ficando com atividades referentes ao Dia das Mães. A leitura do texto “Se as coisas fossem Mães” permeou as discussões da semana. Infelizmente, não foi possível realizar a leitura do livro fonte. Na escola não foi encontrado o referido livro e não me foi possível emprestar da CEMEIA. (escola que leciono no período da tarde), pois o mesmo estava sendo utilizado por nós professores da escola com nossos alunos. Mas mesmo sem o livro fonte, foi possível realizar uma sequência bacana de atividades, envolvendo principalmente a leitura. Iniciou-se com a leitura em voz alta pela professora. Em outro momento, os alunos realizaram a leitura silenciosa em sala e levaram o texto para treinar a leitura em casa e também treinar a letra cursiva através da cópia. Em sala, realizaram a leitura de uma estrofe cada um no coletivo e apresentaram como jogral o texto cada fileira da sala na frente para os colegas ouvirem. Posso garantir que com os treinos semanais de leitura dos alunos em casa e na sala, a leitura individual para a professora, tem possibilitado uma melhora significativa de muitos dos alunos que no

início do ano não apresentavam fluência nessa leitura. Muitos melhoraram, sendo que dos 29 alunos, apenas L., W., J. B. (que até o presente momento tem apenas cinco presenças em sala), E. e T. apresentam cada qual sua dificuldade específica nesse item – leitura. Vale observar que o aluno L. também apresenta faltas significativas. Já T. não consegue reter a informação por muito tempo. E. apresenta uma aprendizagem limítrofe e W., as dificuldades são gritantes e entre elas a leitura [...]. Em relação à Matemática, iniciamos um torneio do Jogo do Pontinho (inclusive o inspetor C. está participando, pois no início desse torneio faltava um integrante para compor as duplas e C. foi convidado a participar). Na semana que se passou, no dia 5 de maio, considerado o Dia da Matemática, realizamos nosso segundo jogo. A proposta é a cada semana, jogadores são eliminados e os ganhadores jogam com os ganhadores. Ao final do torneio, o último participante vai jogar contra a professora da sala. A ideia é que o vencedor ganhe uma caixa de bombom e estou pensando até num troféu e para os segundo e terceiro lugar, medalhas e talvez tenha até uma caixa de Bis para deixá-los um pouco mais contentes e para todos os participantes – eles ainda não sabem disso – um bombom e um bis. Pode-se dizer que o Jogo dos Pontinhos é um jogo de estratégias, onde quem demonstra ter maior percepção e melhores jogadas, consegue fazer fechar mais quadradinhos. O que tenho observado é que os alunos não estão percebendo como utilizar as melhores estratégias e acabam perdendo por conta disso. Ao invés de procurar no início do jogo marcar os risquinhos de forma aleatória sem se preocupar em fechar os quadradinhos, muitos estão ficando presos a riscar onde o adversário faz seu risco e com isso acabam não aproveitando os espaços do jogo[...].

Fragmento 2: DE REGISTRO SOBRE SISTEMA MONETÁRIO – AGOSTO DE 2015

[...] Nesse ponto da conversa, contei aos alunos o episódio vivenciado com a turma do 3º ano de 2014, em que um deles trouxe para sala um recipiente com moedas de 1 centavo dizendo que aquele dinheiro não valia mais. Segue episódio abaixo retirado do registro de avaliação da semana do meu semanário de 2014; sendo que esta é uma prática que faz parte da minha rotina enquanto professora desde minha volta à sala de aula em 2009:

VOLTANDO NO TEMPO... UM ANO ANTES!!!

Foi grande minha satisfação em ver que no decorrer da semana, outras oportunidades de atividades foram criadas e muito boas discussões acabaram sendo promovidas em sala. Uma delas foi a discussão sobre: Moeda de R\$ 0,01 (um centavo) não tem valor. Tudo começou com as moedas do aluno Lucas que faz parte de seu material na Caixa Matemática. Eu ainda não tinha conhecimento desse material (garrafinha de moedas) e ao vê-lo, não tive dúvidas, levantei um questionamento sobre: Quantas moedas tinham na garrafa? Trabalhamos com estimativas e os alunos em diversos momentos e dias confrontaram suas opiniões em relação à quantidade de moedas no pote. No primeiro dia, anotei numa folha sulfite o palpito de cada aluno e deixei para o dia seguinte a contagem das moedas [...] (fragmento da narrativa sobre o sistema monetário).

Observando os fragmentos de registros acima, pode-se considerar que o registro serve para revisitar a nossa memória. Segundo Madalena Freire:

o registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica.... O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada. (FREIRE, 2005).

Em relação ao fragmento de registro 2, o movimento de resgatar os registros realizados anteriormente possibilitou novas reflexões, novas propostas de trabalho e, por conseguinte, novas narrativas.

No

decorrer do percurso de escrever e analisar as narrativas nos encontros do OBEDUC fez com que as narrativas produzidas fossem se aprimorando uma vez que se encontra um interlocutor, no caso os demais membros do grupo, o que nos auxilia a revisitar o que foi feito, voltando o olhar, revendo, organizando as informações, dando-lhe sequência e mesmo redirecionando-as, de forma distanciada da prática.

3. O REGISTRO PARA O DIRECIONAMENTO DO OLHAR DO ALUNO

Direcionando o olhar para as possíveis aprendizagens dos alunos, o ato de registrar torna-se também um instrumento imprescindível ao (re)planejamento e à (re)avaliação do professor. Ao analisar um registro realizado pelo aluno, se tem a possibilidade de constatar os conhecimentos que ele traz, o que ainda precisa construir, as intervenções e mediações que se fazem necessárias. Este movimento de olhar para o registro da criança em diferentes momentos e situações é algo que está presente na minha prática e que veio a ser fortalecido pelas discussões do OBEDUC.

Assim, os registros que permeiam a sala de aula podem possuir diferentes finalidades, como:

- O registro utilizado como forma de avaliação de uma sequência trabalhada;
- O registro como forma de nortear os saberes dos alunos para novas aprendizagens;
- O registro dos alunos como forma de aprimorar a prática de registrar.

Segue fragmento de registro em que as discussões permeadas na atividade realizada em sala denotam pelas falas dos alunos seus conhecimentos em relação ao assunto em questão.

Fragmento 3: AVALIAÇÃO DA SEMANA – 25/04 A 29/04:

[...] Dentre as atividades discutidas em sala, merece destaque “O segredo da fila”, que foi uma atividade que acabou envolvendo a sala em discussões acerca do desafio para descobrir a sequência apresentada na foto e culminando com os alunos divididos em grupos e criando sua própria sequência. Segue abaixo trecho de como a atividade foi realizada em sala, assim como o registro do como aconteceu:

A atividade iniciou-se com a pergunta elencada na lousa “O que é um segredo?”

E.: É uma coisa que não pode contar pra ninguém, porque se mostrar não é mais segredo, porque vai ser revelado.*

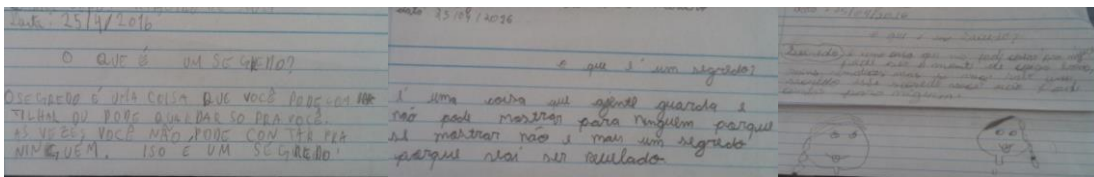
S.: Segredo é uma coisa que pode contar pra uma pessoa, mas a pessoa não pode contar pra ninguém...*

G.: Só pra pessoa que você confia. – a aluna complementa*

G.: O segredo é uma coisa que tem que ser bem guardado, não pode falar pra ninguém só pra quem você mais confia e fala pra pessoa pra não falar mais pra ninguém.

E.: Se o segredo é meu, eu não posso contar pra ninguém, senão ele vai ser revelado. – a aluna enfatiza.*
A.: Só pro espelho. – e o aluno me pergunta: “- Pro espelho pode, né prô?”*
M.: O segredo não pode contar pra ninguém. Pode ser uma coisa boa, ruim e romântica. Igual a E. falou, se você contar pra uma pessoa, já não é mais um segredo.*
A.: É algo importante [...]*

As respostas transcritas acima, as que apresentam* foram socializadas oralmente e escritas na lousa pelo professor, as demais foram registradas pelos alunos em folha de linguagem e serviram de registro para a avaliação da semana do semanário. Segue abaixo anexos de respostas dos alunos.



Pelas respostas dadas pelos alunos à questão sobre o que é um segredo, apesar de algumas divergências em relação a guardar para si ou contar pra alguém de confiança, todos os alunos concluíram que segredo é algo que se deve manter praticamente em sigilo. Faz-se necessário, segundo a opinião deles quanto menos o segredo for divulgado melhor. A. até sugere que o segredo deve ser contado ao espelho, ou seja, para a sua própria imagem. Dando continuidade à atividade, foi proposto aos alunos que após essa discussão sobre o que é um segredo se eles seriam capazes de descobrir um segredo (Foto 1) . O aluno D. disse que era bom nisso e argumentou:

D.: Eu sou bom nisso. Adoro descobrir segredos. Teve um dia que minha prima estava com um segredo com a amiga dela. Ela (prima) é muito boa em pensar jogos e eu descobri que ela estava fazendo um jogo pra mim e quando ela me deu eu já sabia do jogo.

Profª: E como você fez para descobrir esse segredo da sua prima?

D.: É que ela andava cochichando com a amiga dela e eu fiquei escutando[...].



Foto 1: Alunos do 1º ano – Profª S.

[...]E aí, pessoal, qual é o segredo da atividade? Vamos ver se vocês são capazes de adivinhar qual é o segredo.

Eis alguns dos argumentos levantados (não foi possível elencar todos devido a má gravação do instrumento utilizado, muitas das falas não consegui recuperar).

Crianças: Do maior pro menor.

W.: Tá tudo errado a fila... Ô prô, tá tudo errado, sabe por quê? É do pequeno até o maior.

D.: Este aqui (mostrando o menino de camiseta branca) tem que ser o primeiro...

Profª: Então vocês estão querendo me dizer que isto aqui é uma fila?

Crianças: É.

Profª: Então qual é o segredo?

D.: Ó, esse pequenininho tem que vir aqui, dai essa daqui tem que vir aqui, dai essa aqui...

Nesse momento da discussão, o aluno W. continuava dizendo que estava tudo errado e o aluno D. tentava explicar qual seria a ordem correta da fila para ele, tentando com isso fazer uma fila em ordem crescente. Nesse impasse, a aluna L. disse que tinha uma aluna abaixada e como saber o tamanho dela se ela estava ajoelhada:

L.: Tem uma aluna abaixada, prô... Vai saber se ela é grande prô...

Criança: É pequena...

Criança: Não é grande...

Sinto que perdi uma oportunidade grande de problematizar esse momento acima, pois só percebi as falas no momento de ouvir a gravação. Só agora fazendo esse movimento de gravação, e ouvir os alunos, percebo quando as colegas do grupo mencionam que ao voltar o olhar às falas das crianças nesse momento de ouvir o que elas falam o quanto isso é importante e revelador. Esse é um procedimento que vou ter que investir mais e aprender a fazer com mais propriedade. [...]

Na análise do registro acima possibilitou à professora levantar os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao assunto o que nos remete ao pensamento de Freire:

Este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa. (FREIRE, 2011)

E a partir daí direcionar suas ações na elaboração de novas propostas de atividades sobre o conteúdo trabalhado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso do processo de registro mostrado ao longo desta oficina nos permite ver o quanto este instrumento é necessário para nortear as atividades em sala de aula, para manter o professor informado sobre os saberes, conhecimentos e dificuldades dos alunos, como ressalta Freire (2005) “não basta registrar e guardar para si o que foi pensado é fundamental socializar os conteúdos da reflexão de cada um para todos”.

No âmbito do letramento matemático estudado no Projeto Observatório de Educação, ganha um destaque maior ainda, pois, me permite (re)planejar e (re)avaliar constantemente a minha ação, direcionando o meu olhar para as produções dos alunos que, por sua vez, ganham uma nova dimensão.

Enquanto profissionais da Educação, o registro possibilita aprofundar a ação investigativa sobre as práticas de letramento matemático e das práticas em geral, permitindo um olhar mais consciente e reflexivo sobre as intervenções e ação pedagógica de forma mais específica.

O grupo do OBEDUC permitiu-me ressignificar e significar a forma de registrar tornando-se mais elaborada com o passar do tempo, com o uso das filmagens, gravações, fotos, e transcrições das trocas nos encontros.

Com esta prática de registrar, tornamo-nos, como descreve Zabalza (2004, p. 23), “um modelo de professor como profissional que utiliza, de maneira sistemática, procedimentos de indagação, que é capaz de manejar os resultados das pesquisas aplicáveis a sua atividade e de se tornar ele mesmo pesquisador de sua prática”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Madalena. **O papel do registro na formação do educador**. 2005. Disponível em: <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/8/artigo2242-1>. Acesso em janeiro/2016.

FREIRE WEFFORT, Madalena. **Observação, Registro, reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2011. In: <http://continuandoformacao.blogspot.com.br/2011/07/observacao-registro-e-reflexao.html>. Acesso em 18/06/2016.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.